

Mulheres na vanguarda da produção agrícola

Notícias Tete em foco, 09.09.2021, Pág. 28, ed. n.º 31-318

MULHERES organizadas em grupos nos distritos Tsangano, Angónia, Macanga, Chifunde e norte de Moatize, na província de Tete, estão a liderar as actividades agrícolas.

Em contacto com o nosso Jornal há dias no distrito de Tsangano, algumas produtoras afirmaram que nas últimas duas campanhas os resultados foram animadores.

Em Namingona, localidade de Mulanguene, no distrito de Angónia, muitas mulheres envolvidas na produção agrícola possuem extensas áreas, sendo que a maioria produz culturas alimentares como milho, batata-reno, feijão e hortícolas.

Para além de reforçar a segurança alimentar e nutricional das famílias, referiram que vendem excedentes e o dinheiro que ganham usam para custear despesas como aquisição de material escolar e uniforme para as crianças em idade escolar.

Outra parte da receita é usada para contratação de pessoal sazonal para o cultivo, sementeira, sacha e rega dos campos.

Beatriz Mphalusso, uma das mulheres contactadas pela nossa reportagem, disse que possui uma área de cerca de 80 hectares onde cultiva diversos produtos, sendo que em 50 hectares produz milho,



Mulheres contribuem para abastecer o mercado de produtos agrícolas

dez para batata-reno, cinco para feijão e os restantes para hortícolas.

“Na campanha agrícola finda, consegui cerca de 100 toneladas de milho e 12 toneladas de feijão manteiga e vermelho. Foi um dos melhores resultados das últimas campanhas”, disse Mphalusso.

A nossa entrevistada referiu que trabalha sozinha e às vezes com os seus sete filhos, desde 2007, quando perdeu o marido por doença, e até ao momento não tem encontrado grandes obstáculos no seu

trabalho.

“Em termos de meios e factores de produção, não tenho muitos problemas porque os insumos existem, embora poucos, sem a possibilidade de preferência. O maior problema está na qualidade de instrumentos como enxadas, catanas e machados, que não é boa. São muito frágeis e danificam-se precocemente”, apontou.

A falta do mercado para a colocação de excedentes agrícolas tem sido outro calcanhar de Aquiles, uma vez que o mi-

lho produzido em campanhas anteriores ainda se encontra em celeiros aguardando colocação.

“Precisamos de nos organizar melhor para encontrar apoios do Governo e de outras personalidades para o escoamento da produção dos campos para centros comerciais, de modo a transformarmos a nossa actividade em agricultura de negócio”, precisou Merce Samuel Kanhandula, agricultora da localidade de Catábua, distrito de Tsangano.